

## «É preciso ter cautela com os filólogos»

CRISTINA ALBINO  
(Universidade de Lisboa)

LUÍS PRISTA  
(Universidade Nova de Lisboa)

O título é retirado de Rodrigues Lapa e subscreve um parágrafo em que se tipificava o grupo em torno da *Revista Lusitana*:

«em Portugal houve uma plêiada notabilíssima de filólogos, autoridades acatadas no domínio da linguística românica, e que foram: Adolfo Coelho, Gonçalves Viana, Júlio Moreira, Epifânio, José Joaquim Nunes. Citemos o único sobrevivente do grupo, o dr. Leite de Vasconcelos, velho extraordinário, que, passante já dos 70, trabalha com a rabiosa energia dum moço. A este grupo, em que há três não universitários, devemos que a nossa língua tenha merecido a romanistas estrangeiros algumas das suas mais acuradas investigações, entre eles e acima de todos D. Carolina Michaëlis com o seu imenso labor filológico, Cornu com a sua excelente “Gramática histórica portuguesa”, Lang com a edição modelar do “Cancioneiro de D. Denis”, e Nobiling com os estudos penetrantíssimos sobre linguagem dos trovadores. Agrupados em volta da já velha e gloriosa *Revista Lusitana*, interpretaram com devoto amor os documentos do passado e desenterraram e salvaram da poeira e da traça dos arquivos alguns dos mais belos monumentos da nossa língua. Criaram entre nós um gosto inegável pelos problemas linguísticos. Sem eles, a vasta legião dos amadores não teria pábulo para o seu diletantismo, nem teríamos o prazer de ouvir hoje o médico ilustre que é o dr. Ricardo Jorge disrecrear sobre o abusivo emprego do gerúndio, o publicista distinto que é Agostinho de Campos ventilar questões de ortografia, ou a enciclopédia humana que é o sr. Alfredo Pimenta esclarecer casos duvidosos de sintaxe. // Contudo e apesar dos serviços prestados, é preciso ter cautela com os filólogos» ([e, em verdade, o assunto que assim se abre já depende pouco do parágrafo]; «A política do idioma e as universidades», 1933, recolhido em *As minhas razões. «Memórias de um idealista que quis endireitar o mundo...»*, pp. 39-66, Coimbra editora, 1933, p. 45).

A advertência de Lapa serve-nos para resumir o que se pretende com esta comunicação: regressar a uma representação que distribuía os filólogos portugueses de finais do século XIX por disciplinas que mais os ocuparam – diagrama feito para a exposição *Filólogos portugueses entre 1868 e 1943* (realizada a pretexto do décimo aniversário da Associação Portuguesa de Linguística, no Encontro Nacional de 1995; em livro: Lisboa, Colibri, 1996) –, dar conta de hesi-

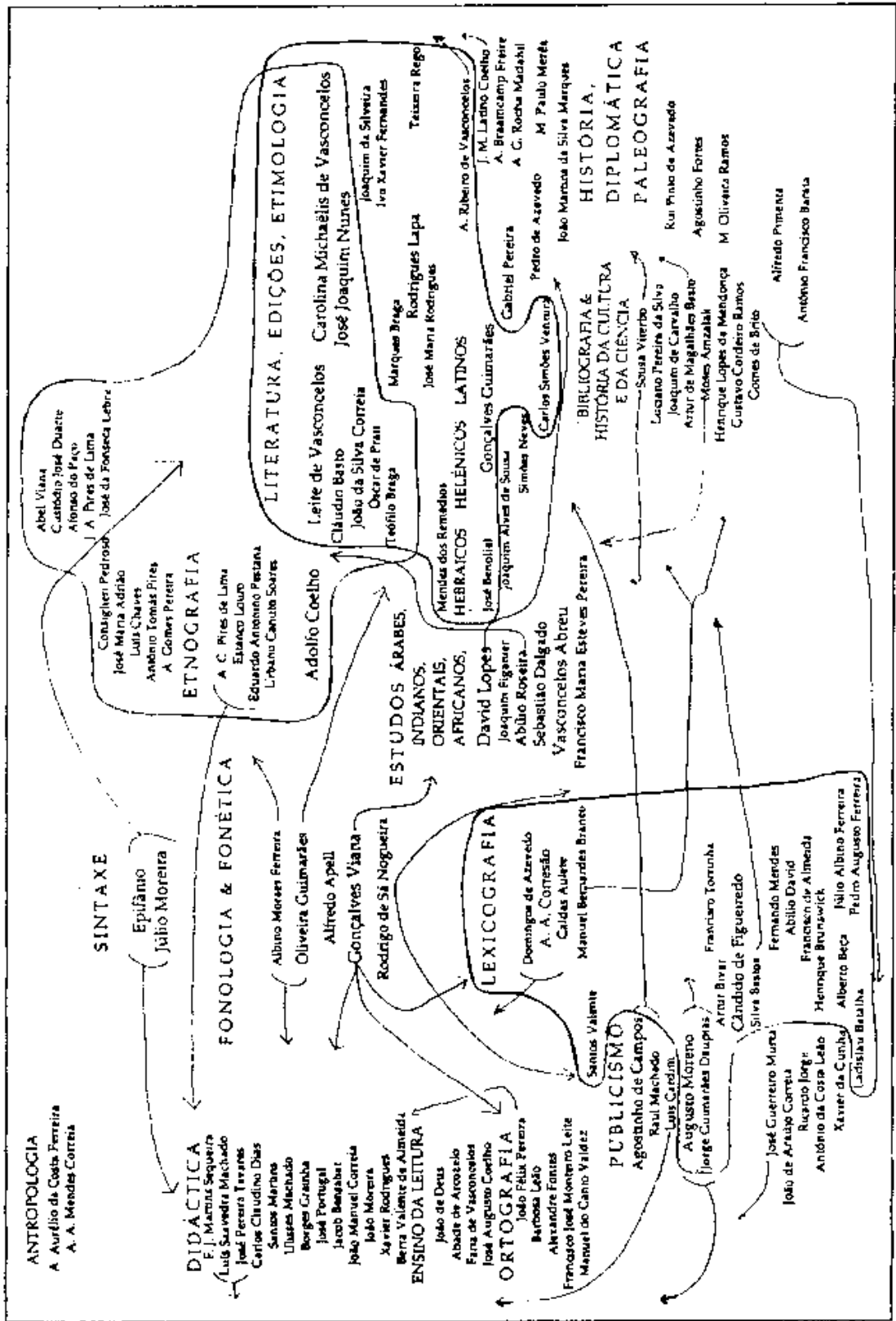


Figura 1. O mapa original (Luís Prista & Cristina Albino, *Filólogos portugueses entre 1868 e 1943. Catálogo da exposição organizada para o XI encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL/Colibri, 1966, pp. 142-142, onde está a cores).

tações sentidas ao elaborá-lo (critérios da selecção; teia das disciplinas; importância relativa; omissões), usar agora a mesma matriz em abordagens que na altura quisemos descartar (para os filólogos por pouco demasiado jovens, nascidos no começo do século XX; para linguistas estrangeiros «lusófilos»; para os filólogos brasileiros).

Antes, é preciso explicar melhor de que tratava o mapa pretexto-da-comunicação (fig. 1). Segundo critério da exposição e do catálogo, a intenção era que figurassem os filólogos nascidos antes de 1900 e que tivessem publicado obra linguística depois de 1868 (assim, na prática os mais jovens dos que couberam foram Manuel Rodrigues Lapa, que nasceu em 1897, Luís Saavedra Machado, Abílio Roseira, Joaquim Figanier, todos nascidos em 1898, e o escritor-médico-cronista João de Araújo Correia, duriense de 1899; e, por exemplo, não se incluiu Augusto Soromenho, por a sua última obra de incidência linguística, *Origem da lingua portugueza*, tese para concurso ao Curso Superior de Letras, ser em um ano anterior à data escolhida de 1868, como se sabe o ano da saída de *A lingua portugueza*, de Adolfo Coelho, que tem servido para marcar o começo da linguística científica em Portugal). Quanto a *filólogos*, que usámos sempre em sentido bastante alargado (que afinal é quase o inerente ao próprio conceito), poderia no caso concreto deste mapa alargar-se ainda aos que investigando habitualmente em uma área de estudos já suficientemente específica e distante da filologia a dada altura publicaram algum trabalho sobre língua (exemplificando com a extrema esquerda do mapa, em antropologia: na dúvida quanto à inclusão de António Aurélio da Costa Ferreira ou de A. A. Mendes Correia, para que decidíssemos bastariam os trabalhos do primeiro no domínio das patologias de linguagem e do segundo o sobre *Giria de crianças delinquentes* ou o acerca do «Interesse dos estudos de linguística e o seu carácter científico»). Este critério permitiu incluir investigadores e eruditos que hesitaríamos em considerar da *filologia* mas que embora em moldes porventura generalistas fizeram trabalho sobre língua com préstimo; permitiu também deixar de lado todos os que, tendo dado a lume algum trabalho em torno de assuntos linguísticos, o fizeram por mero diletantismo – não só eram de fora da filologia como o que deixaram não tem méritos de investigação (e por isso não entraram no diagrama João Bonança, J. C. Nobre França, Francisco Mengo, Z. Z.,...).

Em maiúsculas ficaram os polos agregadores; não obedecem estes polos a um paradigma só: há os que foram tirados de áreas da linguística (sintaxe, ortografia, fonética, etimologia,...), os que adoptaram perspectiva ou objectivo trabalho (publicismo, didáctica, ensino da leitura, edições,...), os que correspondem a outras disciplinas científicas que não a linguística (história, diplomática, literatura,...). Por esses polos se procura dar conta do interesse prioritário de cada filólogo, depois de se assumir que é característico o terem pontificado em mais domínios do que o escolhido como denominador principal da actividade de cada um. Dir-se-á sempre que poderíamos nas margens ter chegado a um nível maior de especialização disciplinar: em baixo, depois da bibliografia, chegaríamos à biblioteconomia e à arquivologia, a ficarem portanto sob

António Francisco Barata; mais à direita, depois da paleografia, a taquigrafia e a caligrafia; à esquerda, discriminar-se-iam as didácticas em de português e de outras línguas (e dentro destas, era possível conceder espaço aos que divulgaram línguas artificiais – discriminando aí um subgrupo de volapuquistas, José da Silva Teixeira é o que se lembra, e outro para os esperantistas); em cima e à direita, ter-se-ia marcado a arqueologia, aliás já representada no extremo dos nomes que saem da etnografia por Abel Viana e Afonso do Paço, e, entre esse nordeste do mapa até ladear a zona de estudos de história, a epigrafia (com remissão para Leite; e onde caberiam nomes que se mencionarão mais à frente). (Outros agrupamentos implicariam nova arrumação. Tal como está, não se percebem conjuntos que se podiam considerar: por exemplo, um de anglistas – Júlio Moreira, Luís Cardim, Luís Saavedra Machado, Gustavo Cordeiro Ramos, Júlio Albino Ferreira, Jacob Bensabat, etc. –, outros com camonistas – Epifânio, José Maria Rodrigues, Xavier da Cunha, Carolina Michäelis, Estanco Louro, ... – ou com historiadores da linguística – Leite, Adolfo Coelho, Sá Nogueira, Silva Correia, Frazão de Vasconcelos, ...) Pela própria topografia do diagrama, pela localização dos nomes dos filólogos relativamente ao esquema das disciplinas e, nos casos mais complicados, pelo uso de setas, ficam induzidas as mais significativas flutuações de interesses. Bem entendido, houve esforço de contenção no uso do recurso, limitado às dedicações mais duradoiras ou a casos inesperados, sendo que o natural desta geração é a polivalência. As setas que à esquerda e à direita remetem para o limite do quadro supõem que o mapa seja lido como se fosse tridimensional, cilíndrico: a seta ao lado de Latino Coelho ou de Ribeiro de Vasconcelos traduz que esses autores também poderiam figurar no princípio do lado oposto do diagrama, na didáctica; e a que está ao lado de Martins Sequeira, Saavedra Machado, Pereira Tavares reenvia estes para uma zona alternativa, que é a da filologia *stricto sensu* (literatura-edições-etimologia), nuns eventuais antípodas da representação.

Ainda sobre o primeiro mapa, duas observações genéricas. Sem que o programássemos, estão subjacentes à geografia do diagrama dois eixos: uma distribuição na horizontal segundo grau de envolvimento para lá dos círculos científicos, em que à esquerda se arrumam os mais *engagés*, mais interventores ou aplicativos (os dos manuais didácticos ou das polémicas sobre ortografia ou os com consultórios de língua na imprensa; os Bivares, Cândido de Figueiredo, João de Deus, Barbosa Leão, certo Alfredo Pimenta, Epifânio, certo Adolfo Coelho – apesar da posição ao centro, etc.), e à direita os que se dedicaram a estudos sem reversões práticas evidentes, sobretudo marcados pelo apuramento do passado (Pedro de Azevedo será o exemplo; em geral, os etimólogos, os da ecdótica e, claro, paleógrafos, historiadores); outra, na vertical, entre, ao alto, + *trabalho de campo* (para que tendem alguns dos *etnógrafos* – Leite, mas não Adolfo Coelho) e + *erudição* (direcção dos em bibliografia; evidentemente, Sousa Viterbo).

	+ trabalho de campo	
+ aplicação (intervenção)		+ reconstituição
	+ erudição	

A segunda nota foi decidida previamente, ainda que agora hesitemos quanto à justeza das soluções a que obrigou. O corpo dos caracteres dos nomes dos filólogos varia segundo importância que lhes atribuímos. Em parte, esta avaliação foi aferida dentro do domínio em que o filólogo esteve activo – por exemplo, é a as suas valorações se reportarem ao publicismo que se deve o relativo destaque dado a António Cândido de Figueiredo ou a Augusto Moreno. Como o reconhecimento do tamanho dos caracteres pode não ser rápido, resume-se a graduação feita: estão a corpo maior Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis, José Joaquim Nunes, Gonçalves Viana, Epifânio, Júlio Moreira, David Lopes, Vasconcelos Abreu. Ficaram em letra de corpo médio os nomes de Francisco Maria Esteves Pereira e Sebastião Dalgado, de Agostinho de Campos, Cláudio Basto, João da Silva Correia, António Augusto Cortesão, Gonçalves Guimarães, os dos foneticistas Alfredo Apell e Oliveira Guimarães, os dos citados divulgadores e dicionaristas, Cândido de Figueiredo e Moreno, bem como os de Abílio Roseira, Rodrigo de Sá Nogueira e Manuel Rodrigues Lapa (que quase contrastam por também poder enquadrar-se na geração seguinte). É provável que agora alterássemos um tanto essa distribuição de 1995. Tendo destacado Gabriel Pereira, na sua qualidade de historiador-editor-bibliógrafo, não se justifica não relevar também Pedro de Azevedo. Mais importante, o lapso de se não ter dado pelo menos corpo médio à indicação do camonista José Maria Rodrigues. Outros talvez injustiçados: Joaquim da Silveira, enquanto etimólogo; Raul Machado, importante vulgarizador – mas é certo activo sobretudo mais tarde.

Falando agora dos filólogos que não estão. É preciso advertir que para lá dos que não ficaram por causa dos critérios cronológicos que definimos, outros trabalhadores em linguística não ficaram por razões práticas de espaço. Em determinadas áreas haveria muitos mais a mencionar. Por exemplo, na faixa esquerda destinada aos que produziram em didáctica da leitura, bastaria que nos socorrêssemos de uma nota em *A educação infantil em Portugal* (2ª edição, Lisboa: INIC, 1986), de Joaquim Ferreira Gomes, com autores de *Cartilhas*, e só para os anos de 68 a 99, para podermos acrescentar os nomes de F. J. Vieira de Sá, A. Simões Lopes, M. Dias da Silva, C. S. Pinheiro, José António Simões Raposo, F. A. do A. Cirne Júnior, A. M. Gomes, F. de Faro Oliveira, Alexandre Augusto de Oliveira, Felizardo de Lima, L. Pinto Rocha, M. S. Cochofel, A. Castanheira Nunes, Z. Mercier de Almeida, F. Augusto Martins, J. A. de Sousa Teles, A. J. de Brito, J. T. Nunes, A. de Almeida (pp. 157-158); também nesta área, Luís Filipe Leite, normalista e historiador da escola normal, Teófilo Ferreira, um dos advogados da *Cartilha* de João de Deus, Albino Pereira Magno, autor de compêndios vários, Manuel Antunes Amor, vindo da caligrafia. Na continuação dessa coluna do mapa, em baixo e na parte de ortografia, susceptíveis de integrar o elenco seriam mais alguns (repscados ora da didáctica, ora nos debates que durante décadas envolveram sónicos contra os mais ou menos etimologizantes e, depois, defensores e inimigos das bases fixadas em 1911). E, acima, o número de autores de compêndios escolares de gramática ou de sínteses para colecções vulgari-

zadoras multiplica muitas vezes a dúzia que seleccionámos (para ficar pelos que figuravam já na cronologia na exposição ao XI Encontro: José Gonçalves Lage, Francisco de Sales Lencastre, João Feliciano Gonçalves Cardoso, Francisco Pedro Brou, José da Silva Cabanita, António de Almeida Neto, Manuel Francisco Medeiros Botelho, Luís Bernardino Pacheco, Luís de Sousa, Emílio Vidigal Salgado, João Gomes Vicente Rodrigues, José Barros Lima Nobre, Eduardo Augusto Veloso, Alberto Marques Pereira, José Bernardes da Silva, Manuel José Martins Contreiras, Arsénio Augusto Torres de Mascarenhas, Augusto Pinto Duarte de Vasconcelos, Adriano A. Gomes, Bento José da Costa, António Maria Baptista, Joaquim Augusto Oliveira Mascarenhas, António Paulino de Andrade). Outra área anunciada logo como voluntariamente não desenvolvida, nem no mapa nem na exposição em geral, a dos que se ocuparam de línguas indígenas. Uma consulta aos *Boletins* da Sociedade de Geografia ou a edições da Agência Geral das Colónias dá ideia da quantidade de autores de pequenas monografias ou de dicionários e compêndios nascidos das vagas de missão e colonização; veja-se esta lista (em que condensamos elencos em Justino Mendes de Almeida, «A Sociedade de Geografia de Lisboa e os estudos filológicos em Portugal», *Páginas de Cultura Portuguesa*, Lisboa, Universidade Autónoma, 1994, 515-542, a introdução de Jorge Morais Barbosa à recolha de artigos *Estudos linguísticos crioulos*, Lisboa, Academia internacional da cultura portuguesa, 1967, e informações avulsas em bibliografias das citadas colecções sobre línguas ultramarinas; omitem-se os títulos religiosos para não escapar um ou outro): José Matias Delgado (quimbundo; línguas sul-africanas em geral), António Augusto Pereira Cabral (várias línguas do território moçambicano), António Lourenço Farinha (ronga), José Luís Quintão (quimbundo; ronga), J. D. Cordeiro da Mata (quimbundo), José Lourenço Tavares (quicongo), José Vicente do Nascimento (macua), Francisco Manuel de Castro (macua), Luís Cancela (quimbundo), Ernesto Torre do Vale (ronga), José Pereira do Nascimento (umbundo; quimbundo), Aires de Ornelas (línguas em Moçambique), Henrique Dias de Carvalho (lunda-quioco), A. F. Nogueira (umbundo), Alberto Carlos de Paiva Raposo (ronga), Rafael das Dores (teto), Henrique Lopes Cardoso (papel), Sebastião Aparício da Silva (teto), Aires de Carvalho Soveral (macua), António de Soveral (lómùè, do grupo macua), Joaquim de Almeida da Cunha (mavia); nascido em Estrasburgo porém, Carlos Estermann (línguas bantas), e o jesuíta francês Vítor José Courtois (línguas do grupo banto, Moçambique); João Feliciano Marques Pereira (crioulos orientais), Marcelino Marques de Barros (crioulo da Guiné e outras línguas na Guiné), Botelho da Costa (crioulo de Cabo Verde), A. de Paula Brito (crioulo caboverdiano da ilha de Santiago), Edmundo Correia Lopes (crioulos de base portuguesa em África e etnografia), António de Almada Negreiros (etnografia de S. Tomé). Também se avisara à partida que não elencaríamos os dialectólogos de monografias únicas (como os que surgem constantemente na *Revista Lusitana*, a tratar da linguagem das localidades de que são naturais). Preveníramos ainda quanto à possível falta de filólogos especializados em estudos clássicos e a termos descartado a lexicografia de série.

Houve entretanto outras omissões, essas involuntárias ou pelo menos não determinadas por critério geral. Ainda que sem ter talvez trabalhos exclusivos sobre língua, mas com obras com interfaces com a linguística, poderiam constar: da etnografia-arqueologia, António Augusto Rocha Peixoto (o redactor da *Portugalia*; o recenseador implacável de filólogos diletantes à João Bonança; o editor de ex-votos; explicador de apodos, de siglas, etc.) e Félix Alves Pereira (que aliás chegou mesmo a contribuir para a *Revista Lusitana* com vocabulário de Arcos de Valdevez, sua terra natal); o historiador-economista Alberto Sampaio (de «As vilas do norte de Portugal», constantemente citado em estudos de história do léxico), Henrique da Gama Barros, cuja *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV* concorre por hábito em trabalhos antropológicos; de Júlio de Vilhena, em *As Raças históricas da Península Ibérica e a sua influência no direito português*, obra que foi peça de polémicas com Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Oliveira Martins (e Antero), há matéria afim à linguística; o mesmo acontece em trabalhos do botânico Conde de Ficalho. Joaquim de Vasconcelos, historiador de arte e da música e marido de Dona Carolina, foi também o filólogo da polémica por causa do *Fausto* de Castilho, o ecdota de Damião de Góis, para alegar duas só das justificações possíveis. Também do Porto e igualmente da história da arte, e da etnografia e da arqueologia, Pedro Vitorino era certamente citável; e outro historiador de arte, e ainda portuense, José de Bragança, figuraria a título dos tirocínios como editor de Zurara ou de Duarte Galvão. Mas a recolher os que produziram edições de textos medievais teríamos de citar outros. De Bruno – José Pereira de Sampaio –, ficaram, resultado do tempo de direcção na Biblioteca do Porto, edições da *Corte Imperial* e da *Virtuosa Bemfeitoria*; o padre jesuíta Carlos da Silva Tarouca, naturalizado português, apesar de nascido em 1883 só se aproximou de assuntos de edição de textos depois de 1940; Roberto Correia Pinto, latinista, oficial do exército, editou o *Livro da Guerra de Ceuta*, de Mateus de Pisano, e escreveu *Algumas palavras sobre o ensino do latim entre nós*; Hernâni Cidade, pelos subsídios em medievística lopesiana. Também a fazer ponte entre gerações talvez fosse de acrescentar José Maria Queirós Veloso (historiador, mas autor também de uma «Giria», na *Revista de Portugal*); um pouco como Damião Peres (este, na sua *História*, a congregar humanistas e filólogos com maioria de companheiros da breve Faculdade de Letras do Porto); diplomata, latinista-medievista, José Saraiva ficaria no nosso mapa perto de Rui de Azevedo, com quem colaborou na série dos *Documentos medievais portugueses*. Alguns outros historiadores com viagens a assuntos filológicos: Possidónio M. Laranjo Coelho, Duarte Leite, António Baião, Artur Viegas (pseudónimo do jesuíta António Antunes Vieira), Delfim de Almeida. Também, Ângelo Pinto Ribeiro, que chegou a leccionar filologia germânica. Carlos de Passos, historiador-arqueólogo, foi autor, na parte que aqui mais interessa, do *Esboço de um vocabulário aryano*, 1917. À epigrafia buscaríamos a menção a Martins Sarmiento, a Augusto Filipe Simões, a José Maria Cordeiro de Sousa; o que faz lembrar o pai, o jornalista-político-historiador-geógrafo Cordeiro de Sousa, que entraria até por via da Sociedade de Geografia. Faltam aliás exemplos de geógrafos: além do já apontado antropogeógrafo Mendes

Correia, o historiador-geógrafo Fortunato de Almeida é autor de uma *Nomenclatura geográfica. Subsídios para a restauração da toponímia em língua portuguesa*. Dois trabalhadores de fôlego: Pinho Leal entre 1873 e 1880 dirigiu doze volumes do *Portugal antigo e moderno...* (os restantes foram já terminados por Pedro Augusto Ferreira, que, esse, consta); José Silvestre Ribeiro não o pusemos porque parecia claro que a sua geração era ainda a do primeiro romantismo, mas na verdade a *Historia dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos...*, publica-se a partir de 1871. Da numismática, indicar-se-ia Teixeira de Aragão. Pedro António de Bettencourt Raposo, catedrático de medicina (e caricaturista), interessou-se por assuntos filológicos (cfr. *Cartas dos outros para Alfredo Pimenta*) e escreveu *Contra a orthographia official. Vantagens e apologia da dificuldade no aprender infantil, pueril e juvenil*. Antropólogo, filósofo-educador, Manuel Ferreira-Deusdado (da *Revista de educação e ensino*; da *Chorographia* onde primeiro saiu o *mappa dialectologico* de Leite; dos *Educadores portugueses*); da filosofia, Francisco Vieira de Almeida assinou ensaios literários e sobre língua. José Ramos-Coelho foi editor crítico do *Hyssope* e historiógrafo de D. Duarte. Sem obra explícita, mas a pairar em volta da geração, colega dos do *Cenáculo*, o orientalista Salomão Sáragga. Vasconcelos Abreu, no seu *Summario das Investigações em Samscritologia desde 1886 até 1891*, menciona como discípulos o depois reputado tipógrafo-revisor da Imprensa Nacional Dias Coelho e o engenheiro civil J. Barbosa de Bettencourt; não podia juntar, por um pouco mais novo, o goês Mariano Saldanha. Bibliotecário na Ajuda, Jordão de Freitas, entre outros trabalhos sobre a história colonial portuguesa no oriente, Camões e Fernão Mendes Pinto, estudou também a bibliografia sobre o japonês. Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda foi outro erudito do colonialismo. Cinco folcloristas com opúsculos de índole linguística: Joaquim Maria Soeiro de Brito, de *A linguagem infantil*, Armando da Silva, de *Folk-lore e dialectologia de Esposende*, ambos para a colecção Silva Vieira; Cândido Augusto Landolt, do «Vocabulário popular de alguns termos usados pelos fadistas do Porto» (*Revista do Minho*, 1878), do *Folklore varzino*, etc.; António de Pinho e «Provincianismos usados em Monção»; J. A. Pombinho Júnior, nascido já em 1898. Muitos outros etnógrafos têm obras passíveis de extrapolações filológicas: o serpense A. Ladislau Piçarra, o elvense José da Silva Picão, J. Capela e Silva – também alentejano –, o algarvio Francisco Xavier Ataíde e Oliveira, o abade de Baçal – Francisco Manuel Alves –, o arqueólogo algarvio Sebastião Estácio da Veiga, o figueirense António dos Santos Rocha, o beirão Jaime Lopes Dias, Ricardo Severo, Fonseca Cardoso, etc.

Mesmo sem serem periféricos à filologia (e sendo até por vezes mencionados em outros capítulos dos *Filólogos*), falharam alguns. Talvez por terem publicado pouco, escaparam-nos Augusto de Almeida Cavacas (de *A língua portuguesa e sua metafoia*, obra que cremos a única deste autor) e José Maria de Oliveira Simões (engenheiro, economista, general; participante nos trabalhos para o *Dicionário da Academia*; autor de *A expressão numeral na linguagem*). Também assim o arabista José Pereira Leite Neto, cujo *Guia de conversação portuguez-arabe*, póstumo de vinte anos, é de 1902. Encostado ao lado direito do diagrama, onde



cabem mais trabalhos de antroponímia e toponímia, podia ter ficado referência a Amadeu Ferraz de Carvalho. Entre ortografia e publicismo, devia constar Magnus Bergström; e Francisco José Cardoso Júnior, entre publicismo-didáctica-lexicografia. Também entre lexicografia e didáctica, falta o nome de Rodrigo Fontinha. O jornalista Albino Lapa, nascido à justa no século XIX, em 1898, podia também figurar por essa zona de publicismo/lexicografia, à conta do seu *dicionário de calão*. Outro jornalista-filólogo, Pinheiro Domingues, foi já no Brasil que publicaria *Camilo e a lexicografia de Laudelino Freire e Variação do género dos nomes*. Chegado aos dicionários via charadismo, José da Silva Bandeira (1856-1945), o *Recruta nº 38 de infantaria nº 11*, autor do *Auxiliar do charadista*, 1906, ou do *Dicionário de sinónimos*, 1923 (não confundir com José da Silva Bandeira, †1868, professor de caligrafia e de leitura). E era de fazer constar, na mesma zona de dicionaristas, o escritor-jornalista Jaime de Séguier, que assinou o *Dicionário Prático Ilustrado* contestado (reivindicado) pela Larousse? Ou Eugénio de Castilho, filho de António Feliciano, autor de um dicionário de rimas? Ou Eduardo de Noronha, organizador do *Diccionario Universal Ilustrado*? E o editor Henrique Marques, colaborador de Francisco de Almeida no *Dicionário Universal Português* e que depois deu o seu tempo a mais empreendimentos dicionarísticos identicamente ambiciosos?

Na área dos que deram publicidade a assuntos em torno do português basta atermo-nos aos escritores também interessados em linguística e que poderíamos ter somado aos já constantes Araújo Correia e Ricardo Jorge: Afonso Lopes Vieira, da campanha vicentina e de outras tarefas *portugalizantes*, como as de adaptação de gestas medievais, além dos trabalhos camonianos em que colaborou com José Maria Rodrigues. Júlio Dantas, como negociador do acordo ortográfico, ministro da Instrução, e em outras actividades por incumbência da Presidência da Academia das Ciências. Manuel Laranjeira, e o seu trabalho sobre a fisiologia da leitura e a *Cartilha de João de Deus*. António Sérgio, o autor de *Em torno da «língua brasileira»* (recenseado por Manuel Rodrigues Lapa), que nos lembra J. P. Oliveira Martins (o que com Adolfo Coelho discute a unidade linguística portuguesa – cfr. *Oliveira Martins e os Críticos da História de Portugal – linguística portuguesa* – cfr. *Oliveira Martins e os Críticos da História de Portugal – linguística portuguesa* – cfr. Fernando Castelo ou o que recenseia *A evolução da linguagem de Leite* – cfr. *Revista de Branco*, «Leite de Vasconcelos apreciado por Oliveira Martins», *Revista de Portugal*, série A: língua portuguesa, XXXVIII, 1963, 492-498). Camilo constantemente polemizou à volta de assuntos de língua ou com filólogos (com momentos desses, a *Bohemia do espirito* ou as *Noites de insomnia*, por exemplo). E Pinheiro Chagas esgrimiou argumentos linguísticos com José de Alencar. Ramalho tem artigos sobre ortografia (*Figuras e questões literárias*). Antero de Quental parece que pensou concorrer à cadeira a deixar vaga por Soromenho no Curso Superior de Letras (cfr. *Correspondência entre Antero de Quental e Jaime Batalha Reis*). Venceslau de Moraes fez sair no *Boletim da Sociedade de Geografia*, 1906, artigo sobre «Os nomes geográficos japoneses». Manuel da Silva Gaio interessou-se pela questão da autoria da égloga *Crisfal*. Já António Correia de Oliveira, sobrinho do poeta, e que vem à lembrança sobretudo pelos *Textos Portugueses*

*Medievais*, seus e de Saavedra Machado, é talvez mais da literatura do que da filologia. No próprio exercício de pedagogo, Luís da Câmara Reis (e de novo nos cruzamos com Manuel Rodrigues Lapa, com quem Câmara Reis escreveu um compêndio de francês). Das ocupações em linguística de Fernando Pessoa há informação (em trabalhos de João Dionísio e Joaquim Mendes ou de Luísa Medeiros). Jaime Cortesão escreveu para os *Anais do Congresso brasileiro de língua vernácula* «A língua portuguesa como expressão histórica»; Hipólito Raposo tem umas páginas sobre língua na *História da expansão portuguesa no mundo*.

Vindos mais da zona direita do diagrama, da parte bibliográfica, Raul Proença (que, com amigos do grupo da Biblioteca, começou a empreender um dicionário geral – planos e alguns verbetes no espólio, BN Esp E7); Aquilino Ribeiro (autor de umas linhas sobre português no *Guia de Portugal*; prefaciador do *Dicionário de calão* de Albino Lapa; etc.); Albino Forjaz de Sampaio, o coordenador da *História da literatura portuguesa ilustrada*, divulgador de temas bibliográficos; Américo Cortez Pinto, nascido em 1896, e que embora pudesse ter ficado na coluna para bibliografia-história da cultura, lavrou também em domínios do ensino e da história da língua, ainda que sobretudo na segunda metade do século (mas não, o *Ensino da língua Pátria*, de 1936); da mesma área, Brito Aranha, continuador de Inocêncio, fez também incursões por terrenos da didáctica; Delfim Guimarães, Aníbal Fernandes Tomás, Henrique de Campos Ferreira Lima ficaram mais circunscritos pela erudição bibliófila. Entre a história das ciências e a filologia (de Camões e de Gil Vicente, sobretudo), Augusta Faria Gersão Ventura. Mas começamos a resvalar para os que se confinaram a um campo de estudos que, muitas vezes se cruzando com a filologia (do lado da ecdótica), não quisemos referir a não ser quando os seus protagonistas se deslocavam até à filologia do lado linguístico (e por isso não entram aqui António Joaquim Anselmo, ou a rama de genealogistas, Sanches de Baena ou Afonso de Dornelas, por exemplo, que no entanto pontualmente foram convocados a empresas comuns aos filólogos).

Quanto aos que ficaram de fora por um dos critérios já indicados, vale a pena fazer um rol só esboçado dos que por pouco não foram incluídos, por terem nascido já em 1900, 1900 e pouco (ou, em geral, os que tendo chegado a produzir em linguística ainda antes de 43, nasceram entre 1900 e a primeira guerra). Vejam-se os nomes em versaletes na figura 2. Por extenso: José Inês Louro (nascido em 1905), Armando de Lacerda (1902), ambos na zona da fonética e da fonologia; mais em baixo, na área da didáctica, Arlindo Ribeiro da Cunha (1906); Edmée Roseira (1901), o polígrafo Manuel Múrias (1900) e o bibliógrafo Bertino Daciano Guimarães (1901) figuram como publicistas ou divulgadores; Vasco Botelho de Amaral (1912), também, mas mais ao lado, sob lexicografia, tal como José Pedro Machado (1914). Na metade direita do quadro: circundados por literatura edições ou etimologia, dois vicentistas, João de Almeida Lucas (1912) e Sebastião Pestana (1909); à direita destes, uma tríade medievista, Joseph-Maria Piel (1903), Elsa Paxeco Machado (1912), Mário Martins (1908); e Álvaro Júlio da Costa Pimpão (1902), também da costela literária; para o centro, o núcleo de

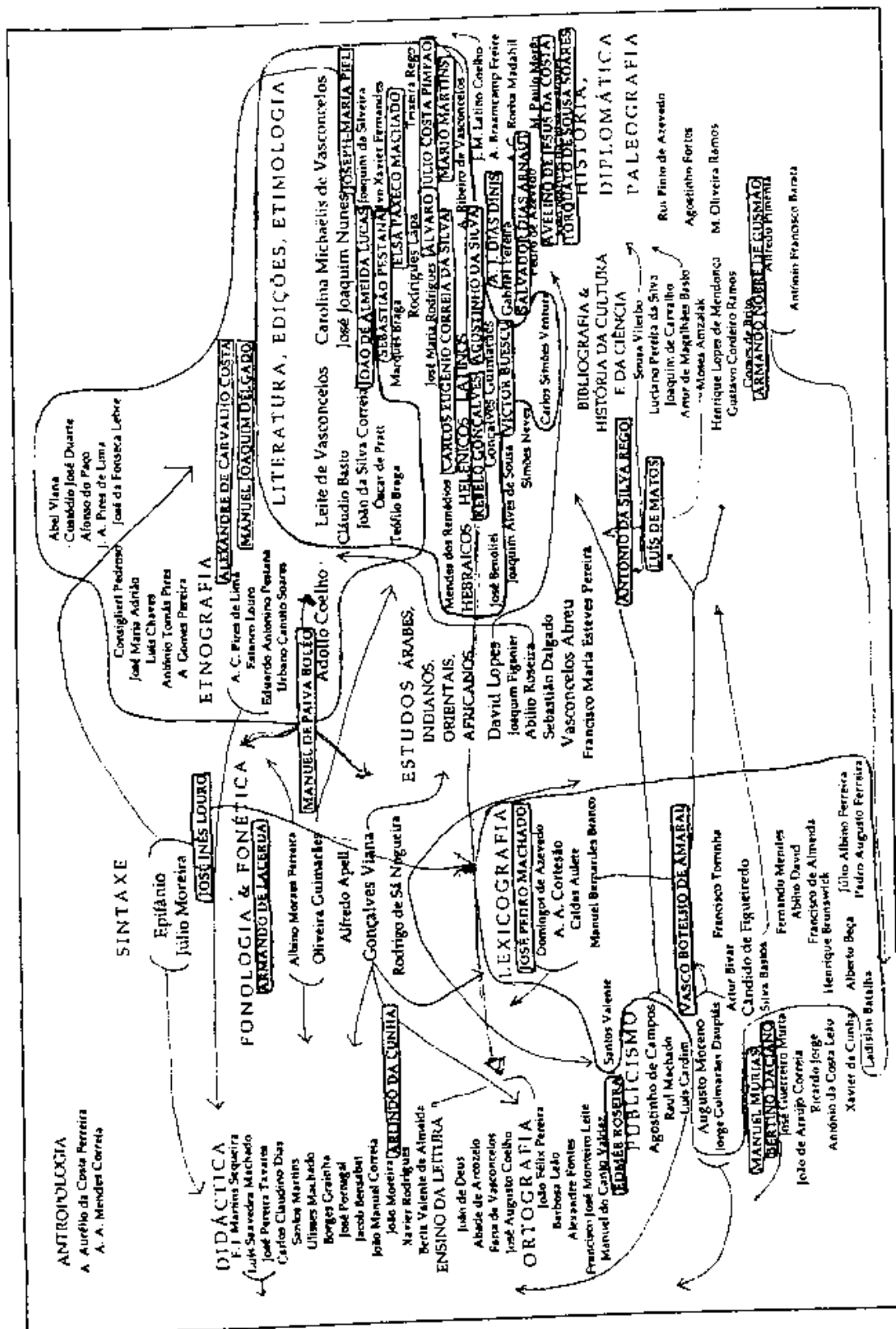


Figura 2. Sobre o primeiro mapa (figura 1) estão agora, em versaletes e enquadrados, os nomes dos filólogos nascidos pouco depois da data-limite (1899) e até 1914.

filologia clássica, Carlos Eugénio Correia da Silva (Paço d'Arcos) (1904), Francisco Rebelo Gonçalves (1907), também camonianistas, George Agostinho da Silva (1906), dos pioneiros do Centro de Estudos Filológicos, e Victor Buescu (1911), romeno naturalizado; à medida que nos aproximamos da parte para a história, surgem, enquanto editor de textos, A. J. Dias Dinis (1903), Salvador Dias Arnaut (1913), historiador-editor há pouco falecido, Avelino de Jesus da Costa (1908) e Torquato de Sousa Soares (1903); distante um pouco, António da Silva Rego (1905), historiador do ultramar e autor de notícias interessantes à crioulistica; o historiador-orientalista Luís de Matos (1911), o bibliógrafo, colaborador do ALPL, Armando Nobre de Gusmão (1911); em cima, haviam ficado Manuel Joaquim Delgado (1910) e Alexandre de Carvalho Costa (1908), da etnografia-etimologia-léxico-publicismo. Manuel de Paiva Boléo (1904) pusemo-lo quase ao centro, colado ao que corresponde à dialectologia mas com setas em outras direcções.

Dois únicos comentários à distribuição. Pode parecer que nesta geração se tornou mais pobre a faixa dos que se dedicaram a estudos arabistas, etc.; tenha-se porém em conta que por um lado, por capricho, Abílio Roseira e Joaquim Figanier, mesmo se nascidos mesmo ao findar do XIX, pertencem também a esta geração (que Roseira, †1935, mal pôde integrar); como indica a seta, José Pedro Machado, se está em lexicografia, poderia também ter ficado neste lado; para não referir José de Ésaguy (1899), autor de livros de introdução ao árabe, Pedro Cunha Serra (1919), esse não arrolado por por pouco mesmo para este quadro ser jovem de mais, ou Garcia Domingues (1910), historiador talvez não propriamente filólogo. Quanto à escassez de nomes nas zonas de fronteira do desenho, também não se conclua que começaram a faltar aos estudos linguísticos os filólogos vindos de outras ciências ou com um pé em outra disciplina: é claro que a especialização em cada grupo de estudos assim se reflectiria no diagrama, mas, de qualquer modo, o escopo desta selecção – ‘os que talvez se esperasse estivessem representados’ – determina logo que a busca quase se circunscreva aos que se virão a colocar no centro do esquema. (O que faz que se não mencione Orlando Ribeiro, nascido em 1911, que no entanto caberia nesta actualização se se mantivesse o conceito alargado de filólogo seguido na figura 1.)

Como se disse, não figuram no diagrama os filólogos que tendo porventura até chegado a acompanhar a geração de Coelho, Leite, etc., publicaram em linguística sobretudo antes de 1868. A esta categoria pertencem Augusto Soromenho, †1878 (também arabista e célebre inimigo de Soromenho, António Caetano Pereira, morreu ainda um ano antes de 1868; e nesse ano de 1867 morreu ainda António Nunes de Carvalho, outro filólogo que de outro modo era de mencionar); António José Viale (†1889), helenista-latinista, professor de D. Pedro V e de D. Estefânia e dos primeiros do Curso Superior de Letras; Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (†1879), indianólogo e orientalista; Francisco Evaristo Leoni (†1874, mas cujo *Genio da lingua portugueza* é de vinte anos antes); o primeiro barão de Vila Nova de Foz Côa, Francisco António de Campos (†1873; mas *A lingua portugueza é filha da latina*, saído anónimo, é de 43); António

da Silva Túlio (†1884), que aliás publicou sobretudo em jornais – os *Estudinhos da Língua Pátria* reúnem textos publicados no *Archivo Pittoresco* antes da nossa data-limite; José Inácio Roquete (†1870), cuja obra lexicográfica e didáctica pertence com poucas excepções à primeira metade do século; os vários dicionários de D. José de Lacerda (†1877) são de toda a década anterior a 68; Frei Domingos Vieira morrera vários anos antes de começado a publicar o *Thesouro* (1871-1874); Inocêncio Francisco da Silva (†1876), a não ser que constasse pelos dez tomos por si preparados do *Diccionario bibliographico*, já que a sua obra mais directamente filológica, a 2ª edição do *Elucidário* de Viterbo, é de 1865 (e aliás seguida de polémica com Soromenho). (Vem a propósito de Inocêncio referir o autor do desagravo que é *Da glottica em Portugal*, Manuel de Melo (†1884), português de Aveiro mas radicado no Brasil, onde durante dezasseis anos se imprimiu esse erudito livro de ataque a Adolfo Coelho.) O Visconde de Juromenha (†1887) publicou os volumes da sua edição das obras de Luís de Camões entre 1860 e 1869. Quanto a Bento José de Oliveira, a primeira edição da sua *Nova grammatica* é de 1862; do mesmo ano, outro compêndio que viria a ter não menor fortuna, a *Grammatica* de Joaquim Freire de Macedo (†1874); as *Lições de portuguez. Primeira parte*, do Padre José de Sousa Amado, são de 1872, mas deve considerar-se que faziam unidade com *Lições de Portuguez. Parte segunda*, e essas eram de 66; etc.

Um último critério se depreendia do próprio enunciado: tratava-se de filólogos *portugueses*. Esta premissa não punha problemas de maior – para efeitos da exposição estava decidida a inclusão de Carolina Michaëlis, naturalizada por casamento, como a de Alfredo Apell, judeu de Odessa. Piel, como se viu, também escapava por dois ou três anos a esse debate. Conduz-nos a premissa ao mapa 3. Procurou-se aí representar os filólogos estrangeiros que pela mesma época, 1868-1899, tiveram relações próximas com a linguística portuguesa (fazendo obra sobre português ou sobre temas hispânicos; relacionando-se com filólogos portugueses). O que antes se disse para o diagrama-fonte leva a que nos limitemos agora a legendar o que se melhor verá pelo desenho; evita-se também explicitar a aproximação ao português, nuns casos, evidentíssima, em outros, menos conhecida mas considerável. Figuram: na zona da filologia típica, o suíço Jules Cornu (1848-1919), o espanhol Ramón Menéndez Pidal (1869-1969), o francês Gaston Paris (1835-1903), outro suíço – Henry Roseman Lang (1853-1934) –, o austríaco Leo Spitzer (1887-1960), ainda outro suíço – Oskar Nobile (1844-1912) –, os italianos Adolfo Mussafia (1834-1905), Ernesto Monaci (1844-1918), Giulio Bertoni (1878-1942), os alemães Clemens Radermacher, Gerhard Rohlfs (nascido em 1892), Eva Seifert, Georg Sachs – se não nasceram depois de 1900 –, Friedrich Schürr (1888), Otto Klob, Karl von Reinhardstoettner (1847-1909), Karl Vossler (1872-1949), Armin Gassner – que cremos austríaco –, os suecos Gunnar Tilander (1894) e Johan Vising (1856-1942), o finlandês Oiva J. Tällgren (1878-1941) – é certo que para parte dos etimólogos deviam constar setas até fonética; ainda mais abaixo, pela literatura, os italianos Enrico Molteni e Francesco d'Ovidio (1849-1925) – mas não Silvio Pellegrini, nascido já em 1900 –, os americanos John W. Burnam (1864-1921) e Hugo Rennert (1857-1927), os

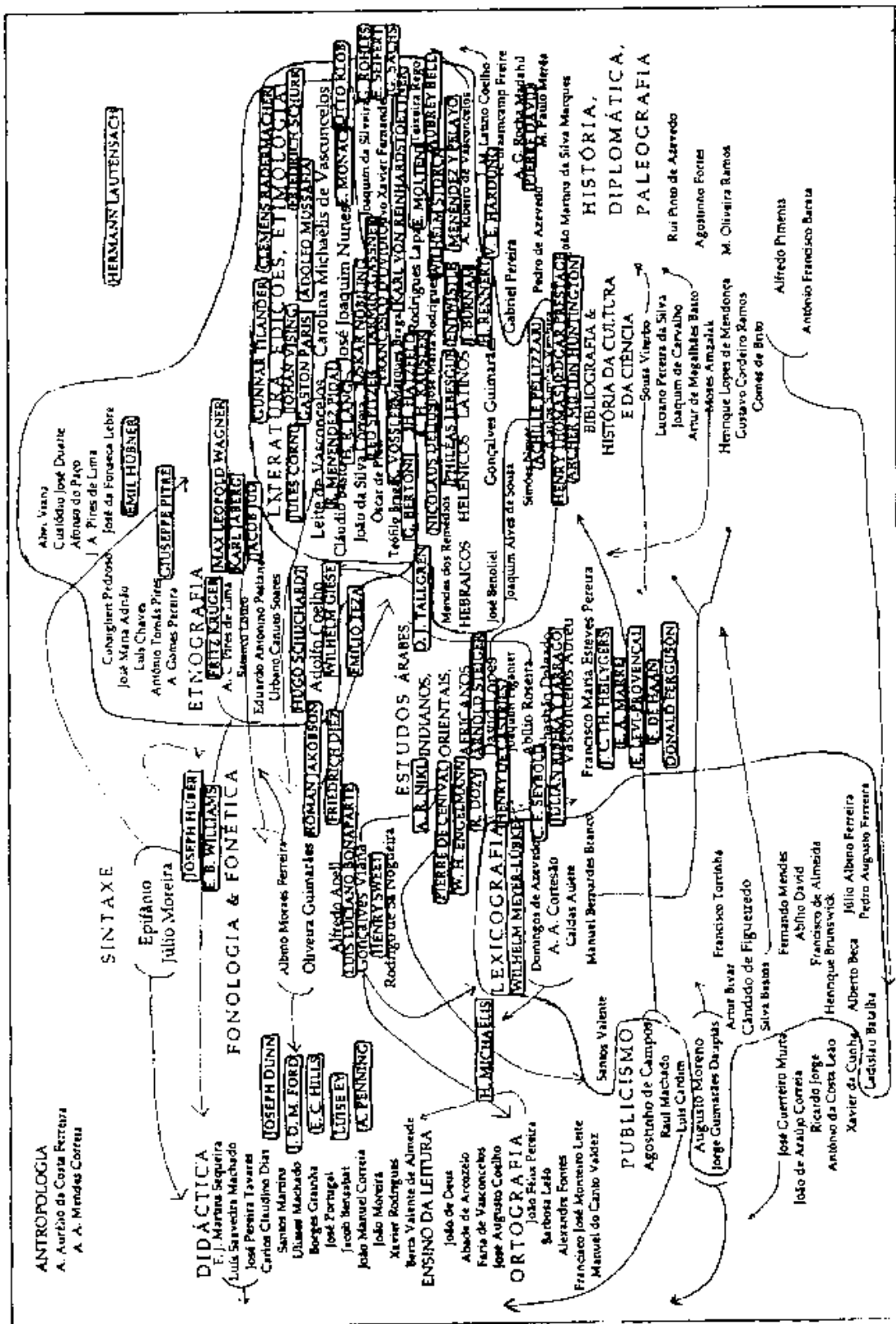


Figura 3. Sobre o mapa original (figura 1) vêem-se nomes de filólogos estrangeiros, nascidos entre 1868 e 1899, que tiveram relações próximas com a filologia portuguesa.

alemães Nicolaus Delius (1813-1888), Wilhelm Storck (1829-1905), Helmut Hatzfeld (1892) e C. H. Kausler, Rudolf Rübecamp – ou, por pouco, nasceu já no XX? –, os ingleses Aubrey Bell (1881-1950) e William Entwistle (1895-1952), o espanhol Marcelino Menéndez y Pelayo (1856-1912), o francês Philéas Lebesgue (1869-1958), Victor Eugène Hardung, os ingleses Edgar Prestage (1869-1951) e Henry Thomas (1876-1952), o italiano Achille Pellizzari (1882-1948), o americano Archer Milton Huntington (1870-1955), o polaco-francês depois radicado em Portugal Pierre David (1882-1955), os últimos cada vez mais ligados à história ou à bibliofilia; evoluindo pela mancha etnográfica, o italiano de Palermo Giuseppe Pitré (1842-1915), os alemães Hugo Schuchardt (1842-1927), Fritz Krüger (1889), Max Leopold Wagner (1880-1962) e Wilhelm Giese (1895), os suíços Karl Jaberg (1877-1958) e Jacob Jud (1882-1952), o arqueólogo alemão Emil Hübner (1834-1901). Pôs-se ao canto superior direito o geógrafo Hermann Lautensach (de *Die portugiesischen Ortsnamen*). Começa com Emilio Teza a fila dos arabistas, indianistas, orientalistas; seguem-se-lhe no diagrama A. Richard Nikl (1855), americano nascido na Checoslováquia, o holandês Reinhart Dozy (1820-1883) e W. H. Engelmann – ainda que a 1ª edição do *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe* seja anterior a 1868, interessa aqui a segunda, de 69, largamente melhorada por Dozy –, os franceses Pierre de Cenival da, de 69, largamente melhorada por Dozy –, os franceses Pierre de Cenival da, de 69, largamente melhorada por Dozy –, o suíço Arnold Steiger (1896-1963), (1888-1937) e Henry de Castries (1850-1942), o alemão Christian F. Seybold, o espanhol Julián Ribera y Tarragó (1858-1934), o holandês Christian F. Seybold, os holandeses Julius Cornelius Theodorus Heilygers e F. de Haan – mas Houwens Post nasceu já em 1904 –, os franceses Eugène Aristide Marre e Evariste Lévi-Provençal (1894-1956), o inglês do Ceilão Donald Ferguson. Finalmente, os núcleos do lado esquerdo do mapa: na lexicografia, o suíço Wilhelm Meyer-Lübke (1861-1936), que entre 26 e 27 regeu em Coimbra cadeiras de filologia românica, e H. Michaëlis, irmã de Carolina; na parte que serve os gramáticos do português: os americanos Joseph Dunn, Jeremiah Dennis Mathias Ford (1873-1958), que podia também ter ficado nas edições, E. C. Hills, o alemão Joseph Huber, A. Penning – autor de gramática portuguesa para holandeses –, o americano Edwin Bucher Williams (se é que não nasceu já depois de 1900); na fonética, o príncipe Luís Luciano Bonaparte (1813-1819) e o inglês Henry Sweet – que, como se sabe, se cruzaram com Gonçalves Viana. Ao centro, à falta de melhor sítio, dois dos limites das gerações neste mapa: o alemão Friedrich Diez (1794-1876) – cujas relações com a filologia portuguesa Leite de Vasconcelos resume a pp. 178-181 de *O Doutor Storck e a litteratura portuguesa* – e o russo, depois americano, Roman Jakobson – que no que se reporta ao português pelo menos escreveu sobre Pessoa. (Para toda a linguística românica, e particularmente para autores espanhóis, é difícil estabelecer a partir de qual grau de referência ao português se deve considerar o filólogo como interessado no português ou como lusófilo; por isso aqui não entraram Amado Alonso (1896), García de Diego (1878), Dámaso Alonso (1898), Tomás Navarro (1884), etc.; em outros casos a ligação ao português é duvidosa: não se representa A. Morel Fatio, que acolheu Leite nos seus estudos em França e se correspondeu com Adolfo Coelho, nem o romeno Iorgu Jordan, «que conhece a nossa língua e um pouco o nosso país»

(Manuel de Paiva Boléo, *Boletim de Filologia*, II, 74, 1933) ou Jean Marouzeau, que por cá deu cursos.)

Também necessariamente selectivo, o mapa 4, com que se fecha o artigo, detém-se sobre os filólogos brasileiros, e segundo semelhantes critérios aos dos esquemas para portugueses e lusófilos. Na parte correspondente aos estudos próximos da crítica textual, da literatura, dos estudos sobre Camões, e a parte dos historiadores da língua: Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira (1883-1967), Augusto Magne (1887-1966), Júlio Nogueira, Afrânio Peixoto (1876-1947), Pedro A. Pinto, Sílvio de Almeida (1867-1924), Lameira de Andrade, Pacheco da Silva Júnior (1842-1899), Estêvão da Costa e Cunha, Brant Horta, Solidónio Leite (1867-1930), João Capristano de Abreu (1853-1927). Na parte que reúne certa dialectologia, os estudos folclóricos e o «idealismo»: Amadeu Amaral (1875-1929), Mário Marroquim, Osvaldo Orico, Dante de Laytano (se não nasceram já no nosso século), Luís da Câmara Cascudo (1898), Sílvio Romero (1851-1914), Eduardo Lindolfo Gomes (1875-1953), Manuel Viotti, João Ribeiro (1860-1934) – não entram Walter Spalding, nascido em 1901, e João Dornas Filho, nascido em 1902. Antenor Nascentes (1886-1972) liga este grupo aos dos sintaticistas, foneticistas, didactas: José Júlio da Silva Ramos (1853-1930), Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), Carlos Góis, Agenor Silveira, Manuel Said Ali (1861-1953), José Oiticica (1882-1957), Clóvis do Rego Monteiro (1898-1961), Artur Neiva, J. Mozart de Melo, Fontoura Ilha, A. de Sampaio Dória, Otoniel Mota (1878-1951), Ismael de Lima Coutinho (salvo erro na exacta data de nascimento), Filipe Franco de Sá, Júlio Ribeiro (1845-1890), Maximino Maciel, José de Nápoles Noronha Massa, Firmino Costa, Francisco Sotero dos Reis (1800-1871; mas é verdade que só a 2ª edição das *Postilas* é que é já de 1868), Ortiz e Pardal (também mais da geração anterior), Alfredo Gomes, Augusto Freire da Silva, Virgílio de Lemos – Cândido Jucá Filho nasceu em 1900. No quarto inferior esquerdo (para ortografia, publicismo, lexicografia): José Veríssimo (1857-1916), Medeiros e Albuquerque, José de Sá Nunes, Carlos de Laet (1847-1921), Miguel Daltro Santos (1878-1953), Francelino de Andrade, Heráclito Graça (1836-1914), Joaquim Osório Duque Estrada, Assis Sintra, Cândido Lago, João de Castro Lopes, Guilherme Bellegarde, Norberto de Sousa e Silva, José Jorge Paranhos da Silva, Laudelino Freire (1873-1937), Francisco da Silveira Bueno (1898), o Visconde de Beaurepaire-Rohan, Mário Barreto (1879-1931) – para não arrolar o pai, Fausto Barreto –, Rui Barbosa (1849-1923), Paulino Vieira, Afonso Costa, Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920), Afonso d'Escragnolle Taunay, Raul Pederneiras (1874-1953), António Joaquim de Macedo Soares (1874-1890), Teodoro Sampaio, Nelson de Sena, Baptista Caetano de Almeida Nogueira, Jacques Raimundo (se não escapa pela data de nascimento) – os últimos já propriamente perscrutadores das influências africanas ou autóctones. Ramiz Galvão (1846-1938) está dirigido para a parte de estudos helénicos, como João Luís de Campos; Rodolfo Garcia (1873-1949), entre bibliografia, tupinologia e história. (O estar a zona de ortografia-publicismo-lexicografia proporcionalmente mais preenchida do que no mapa para os portugueses terá que ver com





as nossas referências dos filólogos brasileiros estarem muito ligadas aos debates em torno dos convênios ortográficos ou às polémicas com os publicistas portugueses. O número reduzido de orientistas, arabistas, etc. não é inesperado, e podia ser equilibrado se se tivesse contemplado série com tupinólogos e restante linguística indígena. Também em débito relativamente ao que acontecia no quadro 1, a parte destinada à crítica textual, o que se deve a não poder ser no Brasil significativa a linhagem dos linguistas medievistas. Finalmente, sente-se que neste mapa seria útil contemplar toda uma área de «vernaculistas» e «gramáticos», que agregaria os que um tanto aleatoriamente se foi colocando sob «didáctica», «sintaxe» ou «fonética»; deveria ainda especializar-se secção dos que se ocuparam das características individualizadoras da variante brasileira, e, entre esses, os da «língua brasileira».)

Para **bibliografia** veja-se a em *Filólogos portugueses entre 1868 e 1943*, pp. 161-164. Poucos outros livros, que não valerá a pena citar, se utilizaram em consultas pontuais.